

# A ironia em "As Laranjas", de Teolinda Gersão\*

*Juarez Guimarães Dias*

## RESUMO

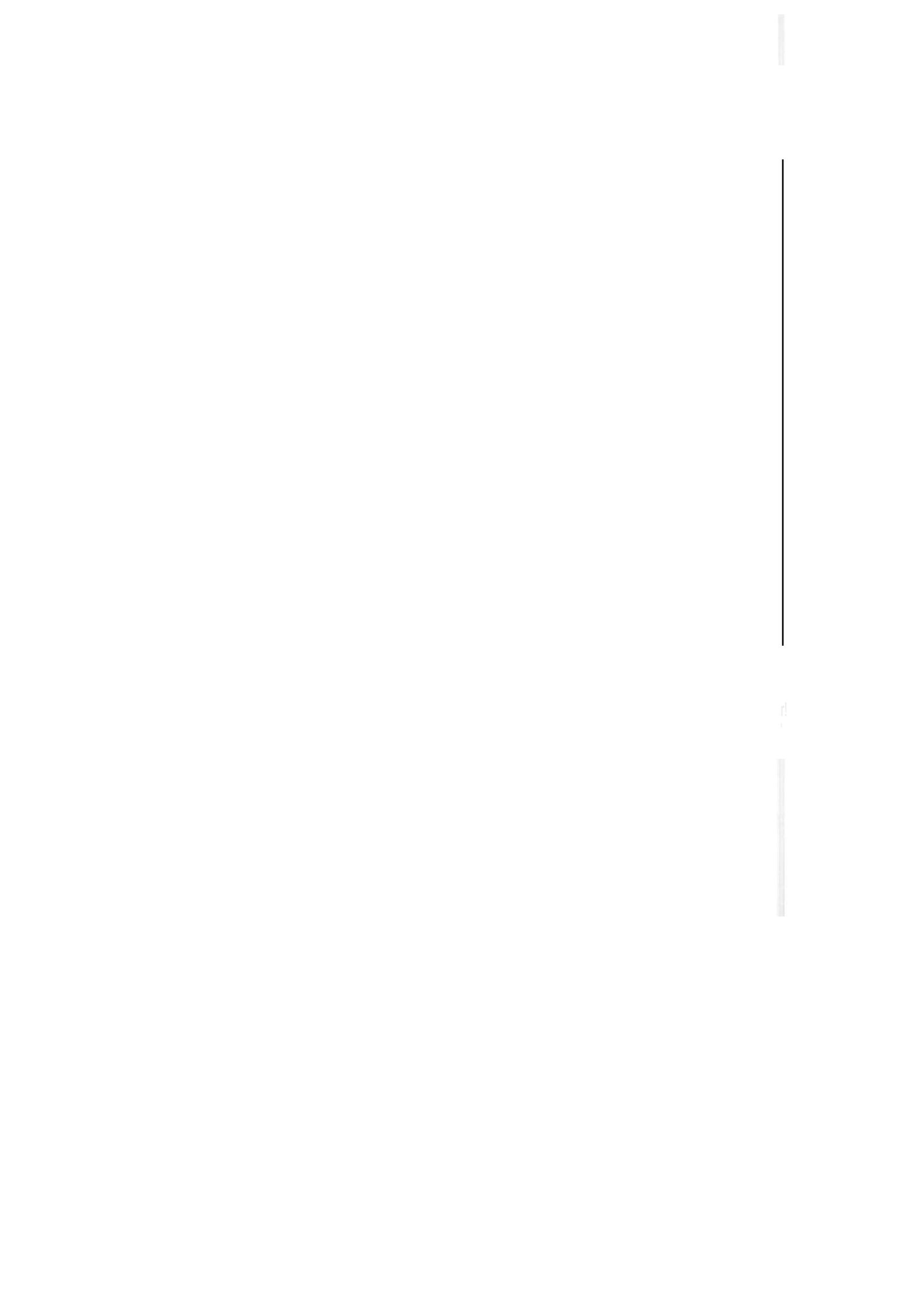
Este trabalho pretende uma análise de conto "As laranjas", da escritora portuguesa Teolinda Gersão, ressaltando no texto as marcas da ironia.

A proposta deste trabalho revela-se tarefa árdua e até complexa, visto que a ironia tem sido estudada há tempos por teóricos e estudiosos de naturezas distintas, não só do campo das Letras, como também da Filosofia e Linguística. A ironia, primeiramente reconhecida como figura da Retórica e depois como de Linguagem, foi tratada sob vários aspectos, partindo do binômio: dizer A para significar não A. Este simples binômio, de parecer quase equacionai, não parece suficiente para aqueles que se propuseram a estudar o caráter irônico de um discurso. A presente fórmula se esgota em si mesma, acreditando-se que a ironia possa alcançar patamares mais elevados.

Não há como precisar se o fenômeno irônico é anterior ou não ao termo que o designa. Segundo Maria de Lourdes Ferraz, em seu estudo **A ironia romântica** (1987), a ironia pode ser reconhecida intuitivamente, mas isto

---

- Trabalho final do curso: "Ironia e poder, humor e liberdade na Literatura Portuguesa", ministrado pela Profa. Dra. Lélia Maria Parreira Duarte, no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas, no 1º semestre de 2003.  
Escritor e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.



não significa encontrar-lhe uma definição satisfatória. A autora afirma que o conceito de ironia não se esgota nos diferentes termos que o englobam: humor, sarcasmo, sátira, ceticismo, troça, ou até mesmo mentira.

Se buscarmos uma média para as definições que a ironia recebeu, chegaremos a "significar o contrário do que se diz", fórmula derivada do uso mais corrente do termo. No entanto, para Ferraz, quando se diz o contrário do que se afirma, na verdade, o emissor do discurso está dizendo muito mais do que deixou expresso. A autora afirma que a ironia revela, sobretudo, uma visão crítica do mundo. E que se tentarmos traçar uma história da ironia, deveremos tentar "a história do modo como o homem tem experimentado a realidade que o circunda e, necessariamente, o seu reflexo na literatura como processo mais imediatamente representativo dessa experiência ou desse modo" (FER-RAZ, 1987, p. 17). Ela reitera que a ironia, enquanto figura, revela um estilo, uma atitude, um com, que tem como objetivo convencer, usando a "arte" de persuasão e estimulando no receptor convicções e opiniões.

É preciso considerar o interlocutor como peça fundamental do jogo irônico. Primeiramente, faz-se necessário reconhecer quem é o emissor da mensagem e, a posteriori, a quem o emissor se dirige. W. Booth traçou uma estrutura comunicacional da ironia, exposta por Ferraz, assim por nós resumida: um emissor (E) envia uma mensagem (M) para um receptor (R) que a interpreta como irônica. Mas esta interpretação requer do receptor a percepção de uma contradição que, mesmo não explícita, ressalta a intenção do emissor. Para que R entenda tal contradição na mensagem, é necessário que haja entre E e R uma convenção preestabelecida, ou seja, que ambos compartilhem o mesmo código.

No entanto, o conceito de ironia não se encerra nessa fórmula. D. C. Muecke, por exemplo, recusa tal estrutura comunicativa como condição fundamental da ironia. Ele chega até a referir-se a "ironias que nada comunicam" ou a perdas de contato do leitor com o ironista. Em "Marcas da ironia", Muecke afirma que as marcas da ironia não podem ser definidas como indicadores infalíveis da ironia, que deve ser definida tanto em termos de intenção quanto de comunicabilidade, ou seja, provir as evidências e as marcas, apresentando o destinatário condições de identificar tais marcas. Para ele, quando se codifi-

cam as marcas irônicas, elas perdem suas características de disfarce, significando nada além de "Eu estou sendo irônico".

O que nos parece relevante neste trabalho, e é a isso que ele se propõe, é a análise do jogo irônico presente(?) no conto de Teolinda Gersão. A interrogação entre parênteses apenas ressalta a dificuldade de encontrarmos as marcas disso no texto, pois ao identificá-las poderemos estar equivocados. Propomo-nos, então, a mergulhar no abismo do conto para tentar encontrar as incongruências "escondidas" pelo autor e/ou pelo narrador.

Teolinda Gersão, em seus textos, trabalha o conflito homem/mulher; o esvaziamento da linguagem, da comunicação, bem como a castração imposta pelo sistema. Seu enredo constitui uma trama bem tecida, de modo que os dados da imaginação têm o mesmo peso que fatos reais. Em "As laranjas", da obra **Histórias de ver e andar** (2002), o narrador, de voz feminina, busca contar uma história a partir de recordações do passado, ou seja, usar a memória para tentar justificar a situação presente das personagens. Nessa reconstrução do passado, encontramos alguns jogos de ironia. Vamos a eles.

### "AS LARANJAS"

O conto apresenta o relato de uma personagem sobre um episódio da vida familiar que irrompeu no cotidiano do par parental. Trata-se da visita de uma antiga namorada do pai, de quem as filhas sempre ouviram falar, pela mãe. A narradora é uma das filhas e é a partir do seu ponto de vista que a história é contada. Temos neste conto a visão do narrador homodiegético, que retira de uma história na qual participa como personagem as informações de que precisa para construir o seu relato.

A personagem narra a história em tom de oralidade, como se ela estivesse contando os fatos para um interlocutor, que não identificamos, mas que podemos considerar como o próprio leitor. Tal caráter oral permite uma intimidade com quem lê (ouve), o que reforça o caráter irônico das passagens que serão analisadas a seguir.

A narradora nos fornece duas visões da personalidade de uma mesma

mulher: a versão que ouvia da mãe e a dela mesma, a partir da visita de uma antiga namorada do pai. O jogo de versões vai se (des)enredando no decorrer da narrativa, explicitando ambigüidades, deixando o leitor confuso quanto à posição da personagem-narradora e possibilitando a percepção dos fios do texto.

No primeiro parágrafo encontramos uma provocação: a afirmação de que o pai ignorou as muitas mulheres que se apaixonaram por ele, casando-se com a mãe e fazendo com que essas outras mulheres deixassem de existir. Mas depois a história traz uma antiga namorada, que ressurgue na vida do casal, percebendo o leitor que a informação relativa à vida do pai não foi fornecida por ele, mas sim pela filha-narradora, a partir das revelações feitas pela mãe.

Por conseguinte, ela atribui o insucesso do casamento de seus pais a uma "ironia da vida" que "se diverte a pregar partidas, à traição, não pode a gente fiar-se nela" (p. 67). Então nos assalta uma pergunta, quase inevitável: em quem os homens se fiam para viver, senão na própria vida? Não seriam os próprios seres humanos que criam redes de relações e por isso seriam os únicos responsáveis pelas traições ou peças a que se submetem mutuamente? A partir desse parágrafo do texto, a fina ironia da narradora começa a ser tecida, no nosso parecer.

Para afirmar suas virtudes e a escolha do pai por si, a mãe se utiliza de uma das antigas namoradas do pai para criar as filhas e dar-lhes exemplo de moral. Aqui instala-se o jogo da competição feminina em que a mãe, para preservar sua dignidade, atribui às características da namorada significações pejorativas. Na história que ela conta, de acordo com a narradora, essa mulher era "oferecida e descarada" e "tamanhas facilidades assustaram o pai, que rapidamente se pôs a fresco" (p. 67). Tal vez a mãe tenha distorcido a personalidade da rival em benefício próprio; é uma dúvida que a narradora revela no desenrolar do conto, quando a filha decide ter opiniões próprias e discorda da mãe, ao conhecer pessoalmente a antiga paixão do pai. Não queremos afirmar, pois, que alguma delas tem razão. O que o conto faz é apresentar os pontos de vista para que o leitor observe o jogo das personagens.

O caso do pai com a namorada teve um agravante (que a narradora considera um "pormenor"), como ele desistiu do relacionamento, acabou por ser demitido do emprego, visto que o pai da moça era seu patrão: "O fim do

namoro teve como consequência o pai ser despedido e forçado a procurar emprego, com grande dificuldade, noutro lado", e em seguida, a narradora afirma, com ironia: "Mas esse foi um mal menor. Empregos *sempre ia havendo*, mulheres sérias é que eram raras" (p. 68; grifo nosso). Sabemos, por fontes históricas, que Portugal apresenta graves índices de desemprego e que é um dos países da Europa cujo problema atinge altos patamares na sociedade. A comparação da busca de emprego com a de uma mulher séria feita pela filha, reitera a auto-afirmação da mãe como uma mulher digna, séria, difícil de encontrar para casamento.

Tais conceitos e posturas morais ensinados pela mãe às filhas teriam sido transmitidos de geração a geração. Nesse ponto a mãe é apresentada como uma mulher virtuosa, exemplar, e que por essas qualidades teria sido escolhida para o matrimônio. Até a Revolução Feminista, nos anos 60, estes teriam sido os preceitos de conduta da mulher. Pelos mesmos motivos, o pai teria abandonado a namorada "oferecida e descarada". Instaura-se o conflito de personalidades: a rival que é sensual, livre, independente, aberta à realização dos seus desejos; e a mãe recatada, virgem, pronta para desempenhar seu papel de esposa e não de mulher.

No trecho "Por isso, aparentemente, o pai dava tanto valor à mãe, e a mãe dava tanto valor a si mesma" (p. 68), a narradora confessa que até então se apoiava na superficialidade das aparências e nos dizeres da mãe para se educar e informar. Quando as filhas passam a compreender a realidade do mundo e das relações por si mesmas, passam a enxergar o que escava por trás das aparências. O casamento dos pais parecia não estar bem e a filha nos conta sobre o desinteresse da mãe que no início parecia fingimento e que mais tarde se re-vela real.

A história, então, se encaminha para o episódio propriamente dito do reencontro do pai com a antiga namorada, objeto de atenção da filha narradora. Certo dia, o pai estava a voltar para casa das compras com a mãe, quando a mulher surge acompanhada do marido. A comparação do pai com o esposo também merece destaque, pois este é apresentado como um homem alto, bem vestido e bonito. Podemos concluir que a narradora insinua a namorada ter-se casado com alguém de seu nível social, ou que ela o tenha transfor-

mado, caso não fosse, o que certamente aconteceria ao pai, se eles não tivessem rompido o relacionamento.

A namorada parecia bastante contente com o reencontro. Novamente uma outra versão, que não é a da narradora mas possivelmente da mãe, adentra a história. A narradora diz que a mãe se sentiu tão segura que convidou a mulher e o marido para entrar em casa deles. Dizemos que é a versão da mãe porque a informação de que dispomos é de que os pais voltavam das compras sozinhos, ou então que a narradora relacionou o convite ao suposto sentimento da mãe.

A presença da ex-namorada na casa causa grande *frisson*, como narrado: "Havia de repente uma efervescência no ar, uma corrente elétrica que passava" (p. 69) A partir desse momento, o ponto de vista sobre a mulher passa a ser o da filha narradora do conto. Ela está presente no encontro e pode observar a todos e tirar suas próprias conclusões. É dito que à mesa a namorada e seu marido e o pai riam, felizes, menos a mãe, que sorria. A mãe, sentada à mesa junto com os demais, parece então sentir-se apagada e pequena, arrependida de ter deixado a rival entrar no mundo em que ela reinava em segurança.

A narradora, então, dá vazão às suas próprias impressões sobre a rival da mãe: uma mulher de presença marcante, que usa roupas caras, casaco de pele, pulseiras brilhantes, colares, conta as histórias da vida em Lisboa e de uma quinta que tinham perco daquela cidade. Parece que a família da narradora vive modestamente, daí ela exaltar a riqueza e a vida suntuosa da antiga afeição do pai.

As filhas esperavam que alguma coisa acontecesse no encontro, pois desfrutavam da presença da ex-namorada do pai, em quem elas não reconheciam àquela a que a mãe costumava se referir. A mulher elogia as filhas docasal e conta que tinha apenas um filho. Esse trecho parece crucial para a comparação entre os dois casamentos, pois o pai só tinha filhas mulheres e sua antiga namorada tinha um filho homem, que não impedia que o casal tivesse tempo para renovar sempre o romance que unia os dois. A narradora apresenta assim a sua dúvida sobre o desejo do pai de ter tido um filho de seu sexo.

Essa passagem da ex-namorada pelo cotidiano da família parece tirar a todos a viseira que os cegava para a realidade. Sua presença fulgurante e sua vi-

da bem sucedida parecem desnudar o insucesso do casamento dos pais da narradora. Esta prefere não atribuir à visita antiga namorada o que mais tarde culminou na separação. Talvez nem fosse isso na realidade. O que fica evidente é que o reencontro balançou as estruturas da casa, sendo a presença da ex-namorada renovada através do presente que é enviado para a família: um cabaz de laranjas.

Neste ponto, tomamos o título do conto para encerrar a exposição do caráter irônico deste conto português. Uma possível significação para o presente ofertado pela ex-namorada é que, de acordo com a cultura chinesa, a laranja é símbolo da fecundidade. Na China antiga, a oferenda de laranja às moças significava um pedido de casamento.

Nesse sentido, as laranjas, no conto, tornam-se representantes de uma grande ironia: embora simbolizem a fecundidade, elas significaram afinal a separação de um casal. Se pensarmos que a ironia diz o contrário do que afirma, podemos dizer que o caráter irônico do texto está nas mãos da narradora, que teceu diferentes versões e pareceres sobre a história, negando em vários momentos o que parecia pretender afirmar: "Que o casamento não tivesse da- do cerro – mas isso só se tornou visível mais tarde..." (p. 67), "O pior (mas isso só se viu depois) é que, com tanto se fingir desinteressada..." (p. 68) e "Não teve nenhuma relação com a separação dos pais, anos depois" (p. 70). Parece bastante clara a tentativa irônica da personagem de sustentar a veracidade da história pelo seu contrário. Principalmente no trecho quase final, quando a família recebe o cabaz de laranjas, ela afirma: "Como se a namorada tivesse voltado a encher a sala" (p. 70).

No último parágrafo, a narradora deixa sua última carta de ironia: "Nada aconteceu depois disso, para além de comerem as laranjas" (p. 70). O que ela quer reiterar, nos parece, é que a visita da antiga namorada do pai foi fundamental para a transformação da estrutura familiar. Essa mulher que, com seu brilho e sua vida aparentemente bem sucedida, desnudou a infelicidade que pairava sobre o casamento do seu antigo romance, poderia estar concentrada no signo das laranjas, como uma metáfora irônica: as laranjas, símbolo de fecundidade e prosperidade, contribuindo para a dissolução, o rompimento, a solidão.

## RÉSUMÉ

Ce travail pretend une analyse du conte "As laranjas", du écrivain portugais Teolinda Gersão, on remarquan, dans le rextre, les marques de l'ironie.

### Referências

BOURGEOIS, André. A ironia romântica. Trad. Luiz Morando. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). Ironia e humor na literatura; *Cadernos de Pesquisa do NAPq*, n. 22. Belo Horizonte, FALEIUFMG, 1994, p. 55-82.

FERRAZ, Maria de Lourdes A. A ironia. In: *A ironia romântica: estudo de um processo comunicativo*. Lisboa: Imprensa Nacional! Casa da Moeda, 1987, p. 15-45.

GERSÃO, Teolinda. As laranjas. In: *Histórias de ver e andar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 65-70.

MUECKE, O. C. Marcas da Ironia. Trad. Márcio Serelle. In: *Cadernos Cespuc de Pesquisa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1996, p. 43-54.